

Diálogos Decoloniais Sobre Mediação, Memória e Gênero em Histórias de Vida e na Imprensa Local¹

Jozieli CARDENAL²

Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP), Pato Branco, PR

RESUMO

Este relato compartilha o andamento da etapa metodológica de minha pesquisa de doutoramento, conduzida pela *epistemologia decolonial*, a partir de uma perspectiva teórico-prática configurada pelo diálogo entre *cartografia* e *histórias de vida*. Logo, o entrecruzamento aqui proposto navega pela *história oral* e pela *história oficial* (BOSI, 2003, p. 15), uma vez que os dois principais objetos do estudo transitam pelas categorias de *territorialidades*, *gênero* e *pioneirismo*, correspondendo à: a) memórias de mulheres migrantes-pioneiras, visando identificar a presença da colonialidade e momentos de resistências em suas histórias; b) análise documental e discursiva de jornais históricos publicados entre 1950 e 1980, investigando se seus enunciados revelam narrativas de poder sobre seres, saberes e corpos femininos. O *locus* socioenunciativo da problemática é a cidade de Pato Branco (PR), situada no Sudoeste do Paraná. O intuito aqui é demonstrar como uma perspectiva decolonial, baseada em histórias de vida e na análise documental da imprensa local, pode trazer à tona narrativas do Sul sobre *poderes*, *seres* e *saberes*, promovendo um diálogo interdisciplinar e teórico-metodológico sobre *mediação*, *memória* e *gênero* em práticas da Comunicação Social, identificando pegadas da colonialidade tanto nas memórias orais quanto nos enunciados valorativos presentes em jornais históricos – o que também pode revelar-se na *interpretação* e na *interação* dos sujeitos desta pesquisa (BOSI, 2003, p. 18). Nesse sentido, o caminho a ser percorrido volta-se a dois olhares teórico-metodológicos que entrecruzam-se e colocam-se no lugar de enunciação da América Latina, instigando o reconhecimento do *Outro* sob a ótica da alteridade científica, sem refutar a subjetividade discursiva que, aqui, traz à tona a pluralidade de seres e saberes: *histórias de vida* de Ecléa Bosi (1994, 2003) e *mapas noturnos* de Jesús Martín-Barbero (1997, 2002). No legado construído por Ecléa Bosi

¹ Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

² Doutoranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), professora do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP), e-mail: jozieli.cardenal@unidep.edu.br.

(1994, 2003), há um caminho metodológico minuciosamente posto para o pesquisador que pretende atuar com a categoria de *histórias de vida*. Para tanto, a autora elucida a bagagem ideológica da enunciação e da interpretação, demonstrando como o contexto social e a cultura operam na percepção e na recepção do passado no processo em que o entrevistado revisita a própria história. Nesse sentido, observa-se que a recordação do sujeito não deve ser vista como verdade absoluta ou unilateral e, sim, como um recorte do espaço-tempo (BOSI, 2003, p. 15). Todavia, a partir da perspectiva apresentada pela autora, é possível compreender a potência enunciativa da substância social da memória, que revela-se na memória oral, esta que opera como um “instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano” (BOSI, 2003, p. 15). É nesse sentido que esse método pode contribuir para que aqueles e aquelas que estão à margem da sociedade possam falar, dentro de seus termos, condições e saberes, bem como serem, de fato, ouvidos enquanto sujeitos da pesquisa e do seu tempo histórico. Assim, Bosi (2003, p.16-17) reforça que a história oficial não dá conta de revelar as individualidades das *memórias vivas*, especialmente quando “os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra” (BOSI, 2003, p. 15). É possível identificar a relação da perspectiva apresentada por Bosi (2003) na provocação feita pela postura decolonial, uma vez que a autora alerta que embora estejamos mobilizando histórias individuais, “há sempre uma narrativa coletiva privilegiada no interior de um mito ou de uma ideologia. E essa narrativa explicadora e legitimadora serve ao poder que a transmite e difunde”, (BOSI, 2003, p. 17-18). Assim, é importante reconhecer que a memória coletiva, quando revela-se na percepção individual do sujeito, compreende o interior de uma classe, cuja difusão é traduzida em imagens, sentimentos, ideias e valores (BOSI, 2003, p. 18) – portanto, também podem-se reproduzir traços sociais da colonialidade em sua dicotomia de dominação e poder. Todavia, pergunta-se: como as narrativas da colonialidade e suas práticas de dominação, reveladas pelas histórias de vida de mulheres migrantes-pioneiras, também podem aparecer nos discursos da história oficial eternizados nas páginas da imprensa local sobre a ideia de pioneirismo? Quem é o *pioneiro* da história oficial? A provocação aqui lançada, portanto, acompanha o olhar de Rincón (2018, p. 66) que nos convida a mirar para a Comunicação Social na América Latina com outras lentes metodológicas e ontológicas, uma vez que a mesma configura-se enquanto *outra coisa*.

O autor demonstra que estamos falando de uma Comunicação que resiste, desenvolvida no seio de ditaduras, autoritarismos, que bebeu em fontes da sociologia, da política, da arte e da antropologia. Assim, “quando era quase impossível ser livre na América Latina, a Comunicação foi imaginada a partir de baixo, com as pessoas e pela libertação” (RÍNCON, 2018, p. 66-67). Para continuar esse percurso, é preciso pontuar que Martín-Barbero (1997) propôs os mapas noturnos como método para questionar a relação entre “três lugares de mediação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 292). Tais processos de mediação têm a Comunicação como objeto, a partir da sua relação dialógica com a sociedade e com a cultura. Todavia, ao propor o método cartográfico, o autor anunciou que estava remando contra a “lógica diurna” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 288). Ou seja, muito além de um mapa que trouxesse respostas claras e hegemônicas, sua busca não seria guiada e, sim, tateada, no escuro das incertezas, das dúvidas e das múltiplas perguntas. Uma busca noturna “para explorar esse território na encruzilhada formada na América Latina” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 291). Martín-Barbero (1997, p. 194) alerta que processos discursivos, de produção e reprodução, resultam de práticas de dominação, uma vez que a dinâmica da mediação, em sua função dialógica com a recepção e a percepção na América do Sul, é distinta daquela da América do Norte. É com esse posicionamento contra-hegemônico que Martín-Barbero (1997) propõe, na década de 1980, seu primeiro mapa noturno. Desde então, este mapa foi ressignificado pelo próprio autor, bem como por outros pesquisadores, chegando a diferentes versões. Contudo, é importante pontuar que um mapa não exclui ou substitui o anterior, “mas se apropria, o reinterpreta e o acrescenta, em um processo que exige um pensamento de maior complexidade” (LOPES, 2021, p. 19). Vale lembrar que estamos falando de um autor que voltava-se seu olhar para as dinâmicas comunicacionais, sociais e culturais da América Latina, e que preocupava-se tanto com a recepção quanto com os movimentos de resistência dos sujeitos diante da responsividade enunciativa gerada pelas mediações. Logo, reflexões sobre liberdades, poderes e dominações estão no cerne da sua obra. Não há, portanto, como olhar para a Comunicação como objeto de estudo cartográfico sem considerar estruturas econômicas, políticas, bem como culturais. Aliás, é na e a partir da cultura que as vozes e lutas vêm à tona, indo na contramão de imposições e dominações hegemônicas (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 210). Ora, se estamos falando da construção sócio-histórica de

gênero, a mesma também perpassa pelo tecido cultural (PISCITELLI, 2009, p. 126-127) – em que os enunciados publicados em jornais locais devem ser analisados considerando essa intersecção. Essa postura dialoga com o objeto de investigação deste estudo, que são os discursos (mensagens) presentes em jornais históricos de Pato Branco (PR) que retratam papéis de gênero voltados às mulheres – o intuito é identificar um possível entrelaçamento entre a valoração presente nesses enunciados com os recortes de memórias e histórias de vidas apresentados pelas mulheres entrevistadas. Afinal, a mediação e a recepção, bem como a interpretação e a interação com a mensagem, ocorrem na arena cultural, sendo possíveis porque os sujeitos compartilham algo em comum: a *memória social*, conforme aponta Baccega (1998, p. 07): “para que haja comunicação, é preciso que os interlocutores tenham uma “memória” comum, participem de uma mesma cultura. Isso porque a Comunicação se manifesta nos discursos [...] a partir da intertextualidade”. Portanto, comunicação, sociedade e cultura relacionam-se de forma transversal e, em se tratando da América Latina enquanto lugar de enunciação, a busca pela autonomia/emancipação acadêmica voltada às vozes do Sul ecoa em “metodologias, conceitos e experiências próprias que permitiram responder a nossas próprias perguntas e realidades” (RÍNCON, 2018, p. 67). É partir dessa provocação que proponho a união entre *mapas noturnos* e *histórias de vida* para guiar o caminho metodológico da minha pesquisa de doutoramento. O primeiro, trata de objetos de estudo ligados à Comunicação a partir da teoria da mediação; o segundo, aponta caminhos para interpretar e mediar a história do “outro” subjugado.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Decolonialidade; Mediação; Memória; Gênero.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, M. A. Recepção: nova perspectiva nos estudos de Comunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (12): 7 a 16, maio/ago. 1998.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Edusp, 1987.

LOPES, M. I. V. de. Uma cartografia para a pesquisa comunicacional e os mapas das mediações. In. TRINDADE, Eneus (Org.). **Comunicação e mediações: novas perspectivas**. São Paulo: ECA-USP, 2021. pp. 10-21.

MARTÍN-BARBERO, J. **Oficio de cartógrafo**: travesías latinoamericanas de la comunicación em la cultura. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

_____. **Dos Meios às Mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito. In: BUARQUE DE ALMEIDA, H; SZWAKO, J (Org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009, p.115-148.

RINCÓN, O. Mutações bastardas da comunicação. **MATRIZES**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 65-78, 2018.